

A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora - a - Branca, 105 - BRAGA

★ ANO XXX - N.º 579 - Melgaço, 1 de Janeiro de 1976

★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tel. 22455 - Braga

ANO NOVO

A entrada do novo ano festeja-se por toda a parte. De ontem para hoje nos hotéis, em salas de baile, em assembleias, gastou-se a noite em ceias e danças. A alegria dominou esses ambientes nocturnos de fim de ano.

Os crentes promoveram, por sua vez, actos colectivos de acção de graças ao Senhor e de súplica: acção de graças pelo ano que já passou e se venceu, e súplica para que nos ajude no novo ano que começa.

Na atitude profana e religiosa se divide a humanidade: uma parte julga que ainda pode ser feliz sem a ajuda de Deus, e outra parte sente que a felicidade não pode existir sem a bênção do Senhor.

Os primeiros confiam em si; os segundos confiam em Deus e em si mesmos.

Há países protestantes, como os Estados Unidos da América e a Suíça, que têm um dia no ano dedicado à oração: é o dia de acção de graças da Nação a Deus pelos benefícios concedidos.

* * *

Apesar de termos vivido e vivermos em graves riscos de natureza económica e política, a verdade é que também em Portugal se festejou a passagem do ano em reuniões dançantes e em ceias apropriadas.

Muitos não puderam ter uma ceia alegre, porque os lares estavam vazios, não estavam completos. Faltaram alguns componentes. Uns ficaram mortos no Ultramar com a descolonização; outros ainda estão presos, como em Timor e em Moçambique. Com estes factos agiganta-se a dos retornados, cujo futuro vêm incerto, e os desempregados, que já são mais de trezentos mil.

Portugal, infelizmente, não teve um ano feliz, porque as palavras — liberdade, latifundiário, burguês, capitalista, etc. — brandidas por certos revolucionários como estrelas de paz e de felicidade, não deram abundância aos portugueses, nem ordem, nem bem-estar.

Sobre todos nós começam a pesar as medidas de austeridade. Todos temos que nos dispor a aceitar as limitações, as restrições. Estas limitações e restrições podem atingir os bens essenciais à vida, como sejam os bens alimentares.

Fala-se em que a fome nos ronda. Disse-o, há pouco, um membro do Governo.

Conseguiram, os portugueses, com o seu bom senso evitar que caíssemos no ano passado numa ditadura comunista.

O 11 de Março e o 25 de Novembro foram obra dos comunistas e demais esquerdas para tomarem conta do poder.

Já sabemos o que nos aconteceria se os comunistas fossem ao poder: seríamos escravos de Moscovo e perderíamos as nossas liberdades legítimas e a nossa independência.

É, este facto, motivo suficiente para nos alegrarmos. Mas não basta.

A política faz-se de ordem, trabalho, iniciativa, colaboração, e amor mútuo.

Ora durante o ano que findou, em sequência do «25 de Abril» de 1974, assistimos através da imprensa, da rádio, da televisão, e de alguns políticos à campanha de ódio, lançada contra portugueses.

Não é com o ódio que se constrói o presente e o futuro.

Devemos os comunistas no seu avanço ao poder pela força? Sem dúvida. Mas eles continuarão na política, e devemos estar preparados para nos não deixarmos enganar pelos comunistas.

Agora é preciso alcançar outra vitória: a do trabalho sobre a preguiça, a da honestidade sobre a desonestidade.

Temos de vencer a batalha contra a fome e contra o caos económico.

Disponhamo-nos todos a realizar um Ano Novo que seja de felicidade para todos os portugueses, sem excepção de ideologias.

JÚLIO VAZ

A vida do Jornal em 1976

Depois da subida assustadora de diversos géneros e artigos, alguns de primeira necessidade, quase não temos coragem de expôr aos nossos amigos os problemas económicos e financeiros com que o jornal se debate neste início de 1976.

Tivemos dois anos extraordinários em 1972 e 1973 quanto a publicidade. De anúncios diversos chegamos a receber quase trinta contos ao ano, o que significava mais de metade da receita. Com o descalabro económico em que mergulhamos todos após o 25 de Abril, os anúncios quase desapareceram e, em contrapartida, tudo aumentou. Assim, neste momento, o jornal conta com um déficit real da ordem dos 10 000\$00, e se mais não tem isso se deve às poucas economias que conseguimos acumular em 72 e 73. Neste momento chegamos ao cúmulo de uma instituição bancária nos dever quase 1 000\$00 há cerca de 3 anos, de outra empresa com fama nos

dever 815\$00, de várias agências de publicidade terem para conosco uma dívida superior a 5 000\$00.

A juntar a todas estas dificuldades, veio o problema de quase uma centena de assinantes que residiam em Angola e Moçambique e que tiveram de abandonar aquelas terras sem mais. Foram outros tantos assinantes que perdemos, pelo menos de momento, com a sequente perda do dinheiro das assinaturas.

Os correios, como sabem, aumentaram espectacularmente, daí provindo sobretaxa para as despesas do jornal. Por exemplo, cada cobrança a fazer pelos Correios, custa hoje 13\$50, assim distribuídos: 5\$00 para taxa de cobrança, e 8\$00 para registo da mesma.

A Tipografia pagamos durante o corrente ano 1 770\$00 por cada um dos números do jornal, num total de 42 480\$00. Para serviço de expedição e selos, dispendemos uma média de 300\$00 por número, o que dá um total de 7 200\$00. Isto sem falar no agravamento da taxa dos correios que, a verificar-se, supõe para o jornal uma despesa a mais da ordem dos 12 000\$00 por ano.

Este é um pequeno balanço do que se vai passando com o jornal e das dificuldades criadas. Esperamos poder fornecer, oportunamente, contas mais pormenorizadas.

(Continua na 4.ª página)

Natal de 1975

Passou mais um aniversário do Nascimento do Deus Menino.

Para festejar tão grandioso acontecimento da Sociedade Cristã e como exemplo de tantos séculos passados, os de longe vencendo dificuldades e distâncias, regressaram ao lar, porque o dia é da família.

Foi mais um Natal diferente ou igual, mais feliz ou triste, mas sempre Natal.

Uma festa que nenhum de nós pode ignorar ou desrespeitar, por mais dispensas ou contraditórias que sejam as nossas crenças religiosas.

Foi menos Natal para tantos órfãos e viúvas dos vivos, que há cerca de 20 meses, sofrem um castigo imerecido, só por terem pertencido à extinta D. G. S., esperando sequiosos o sabor da justiça, suplicando os mais elementares direitos do homem.

Foi menos Natal, para os traidores da democracia e das linhas traçadas pela revolução do 25 de Abril.

Meu Querido Jesus, que tão esquecido estás pelos homens de boa vontade, fazei com que o Ano Novo que se aproxima, nos traga mais alegria, mais compreensão para os desavindos da verdade e mais justiça.

Fazei, meu Querido Jesus, que o ano de 1976, seja para este Portugal, cheio das maiores venturas e que dê aos nossos Governantes a coragem e o saber de levarem a bom termo esta nau tão descontrolada e para que possamos cantar:

Glória a Deus nas Alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade.

António Luís Reinales

Cooperativas

1 — O Estado deverá fomentar a criação e a actividade de cooperativas, designadamente de produção, de comercialização e de consumo.

2 — Sem prejuízo do enquadramento no plano, não haverá restrições à constituição de cooperativas, obtendo estas a personalidade jurídica por via normativa desde que consagrem nos seus estatutos os princípios cooperativos.

3 — As cooperativas poderão agrupar-se livremente em uniões e federações que, por sua vez, poderão formar confederações.

4 — Em legislação especial serão definidos os benefícios fiscais e financeiros das cooperativas, bem como condições mais favoráveis à obtenção de crédito e auxílio técnico.

(Artigo 7 do Título II da Constituição Política).

COOPERATIVAS AGRICOLAS

1 — A realização dos objectivos da Reforma Agrária implica a constituição, com o apoio do Estado, de cooperativas de trabalhadores rurais e agricultores, bem como de cooperativas de comercialização ou de industrialização dos produtos agrícolas.

(Continua na 3.ª página)

A propósito de um casamento na Peneda

Estivemos no dia 13 de Dezembro no santuário de Nossa Senhora da Peneda, a presidir ao casamento de Maria Isabel Ribeiro Caldas e de Manuel António Domingues, professores do Ciclo de Valença e do Liceu de Monção, respectivamente.

Quiseram os noivos unir-se sacramentalmente aos pés da Senhora da Peneda. Em boa hora escolheram o local e a data.

Se o dia 13 recorda Fátima, o dia como tal deu-nos ensejo de vivermos grandes emoções e lindos ambientes de natureza.

São estas emoções e estes ambientes que desejamos registar nestas colunas.

Muitos portugueses e estrangeiros só conhecem turisticamente o Algarve, o Centro do País, e a beira-mar no Norte. Não penetram no interior.

Então, no inverno, só se vai esquiar para a Serra da Estrela,

ou admirar a neve ao Marão ou ao Gerez.

Para estas bandas do Alto Minho, nem os de cá se atrevem a internar-se.

Pois o dia 13 de Dezembro foi extraordinário de beleza. De Pomares até ao Lagarto, uma camada ligeira de neve dava cambiantes de cores nas folhas amareladas dos carvalhos ou nas verduras dos arbustos, que ora se assemelhavam a pérolas ora expressavam a cor plúmbea ou de zinco.

As árvores que os Serviços Florestais aclimataram à região davam recortes autênticos semelhantes aos quadros que o cinema nos oferece da Áustria ou da Suíça.

Todos os presentes se aperceberam da beleza extraordinária da natureza e não se cansaram de a admirar.

(Continua na 4.ª página)

«A Voz de Melgaço»

deseja a todos os seus colaboradores, assinantes e anunciantes

FELIZ ANO NOVO

